

A Contra-Reforma

Imediatamente após o eclodir da Reforma, a Igreja de Roma tentou paralisar o movimento usando para isso vários meios. Tentou fazer a sua própria reforma, dedicando-se às missões, ao ensino, às obras sociais e combater até à morte os hereges protestantes. Podemos considerar cinco os principais meios que foram postos ao dispor do papa para combater o movimento reformador.

1. O Oratório do Amor Divino (1517) surgiu como uma organização informal de clérigos, adeptos da justificação pela fé, com o objectivo de provocar uma reforma ao nível da hierarquia sacerdotal. Alguns de seus membros foram nomeados pelo papa Paulo III para integrar uma comissão encarregada de elaborar um plano de reforma. A dita comissão apresentou ao papa, em 1537, um documento informativo dos abusos cometidos pelos seus antecessores e da necessidade de criar uma nova imagem à Igreja de Roma. Esta Ordem religiosa serviu de inspiração para outras que foram aparecendo com a mesma finalidade. Outras Ordens apareceram com a mesma finalidade.

2. A Sociedade de Jesus (1534) foi uma das ordens religiosas mais importantes ao serviço de Roma. Foi fundada pelo espanhol Inácio de Loyola (1491-1556) e alguns de seus companheiros de estudo, os quais votaram castidade, pobreza e obediência. Loyola ofereceu os seus serviços ao papa e recebeu aprovação em 1540. O seu principal objectivo era servir a Igreja e defender a fé católica. Eles dedicaram-se especialmente às missões, à educação, fundando colégios e universidades, e combater as heresias. Procuravam, primeiro, converter os “hereges”.

No caso de persistirem em seus ideais entregavam-nos à autoridade secular para serem castigados. No parágrafo 13 dos “Exercícios Espirituais” dizem que se a Igreja “tiver definido alguma coisa como sendo preta, mas a qual aos nossos olhos parece branca, devemos de qualquer forma afirmar que ela é preta”. (Ver Doc. Igreja Cristã, pp. 294 >).

Esta Ordem tem sido uma das mais úteis na expansão e fortalecimento do catolicismo no mundo. Francisco Xavier, um dos primeiros missionários no Oriente, pregou na Índia e chegou ao Japão em 1549. Por volta de 1614 alegavam ter conquistado 300.000 japoneses. Matteo Ricci chegou a Pequim em 1601 e logo se adaptou à cultura chinesa. Cerca de 1700 confessaram ter 300.000 seguidores na China. Roberto de Nobili foi o instrumento para levar a mensagem católica à Índia.

3. A Inquisição teve início na luta contra os albigenses no sul da França, no início do século XIII (Ver documento de S. Tomás de Aquino). Atingiu o seu climax na noite de S. Bartolomeu. Na Espanha foi estabelecida por autorização papal ao pedido dos reis católicos, a fim de combater o judaísmo, o islamismo e o movimento reformador. Para Inquisidor Geral foi nomeado o cruel Tomás de Torquemada, em 1480. Em Portugal foi introduzida a pedido do rei D. João III e proclamada em Évora a 22 de Outubro de 1536. Foi seu Inquisidor Geral o cardeal D. Henrique. Perante a insistência de Caraffa o papa Paulo III, por bula de 1542, proclamou a inquisição como instrumento de combate à heresia em todo o mundo. Um dos preceitos da Inquisição era: “Nenhum homem deve mostrar tolerância para com qualquer espécie de herético, e menos que todos um calvinista”. Um papa falou assim: “Se o meu próprio pai fosse um herético eu reuniria lenha para o queimar”. (in, A Reforma, Pgs 266,267, Livros Pelicano).

Presumidos como hereges até que provassem a sua inocência, os acusados eram forçados a testemunhar contra si mesmos sob torturas cruéis. A condenação consistia na prisão, julgamento, queima na fogueira e confisco dos seus bens. Aos inquisidores cabia o julgamento sob torturas, após o que os condenados eram entregues à autoridade secular para execução. O processo do julgamento era tão cruel que até parecem impossível em seres humanos. (Ver documento no Apêndice).

4. O Index era um índice de livros proibidos. A Igreja Romana, sob a direcção de Caraffa, membro do Oratório do Amor divino, publicou, em 1543, uma lista de livros cuja leitura era considerada

perigosa e por isso proibida. Dele constaram alguns livros dos humanistas portugueses. Este Caraffa, eleito papa em 1571, sob o nome de Paulo IV, nomeou uma comissão permanente a fim de manter o “Index Romano de Livros Proibidos” actualizado, o qual só em 1966 foi abolido. “Em Veneza mais de dez mil livros foram queimados num Sábado antes do Domingo de Ramos”. Em Cremona, onde havia uma escola hebraica, foram queimados doze mil livros, incluindo o Talmude. (in, A Reforma, pg. 267, Livros Pelicano).

5. O Concílio de Trento (1545-1563) foi também Paulo III, considerado um papa reformador, que em 1544 convocou a realização dum Concílio em Trento, ao norte de Itália, para discutir assuntos referentes à Reforma. Estas assembleias, que decorreram durante dezoito anos, com pequenos intervalos, não fez mais do que transformar a teologia medieval num dogma que impossibilitaria qualquer oportunidade de entendimento com os protestantes.

O documento final do Concílio ficou sendo conhecido como a “Confissão Tridentina da Fé”. Os seus decretos são tão numerosos que se torna impossível enumerá-los. Nela se declara que, não somente a Bíblia, mas também a Tradição da Igreja constitui autoridade final para os fiéis. Declarou que a Bíblia conhecida como Vulgata Latina, que incluía os livros apócrifos, era suficiente para qualquer discussão dogmática. Que os sacramentos são mesmo sete. Que a missa é um sacrifício oferecido tanto em benefício tanto dos vivos como dos mortos. Nela não é necessário que os fiéis recebam ambas as espécies da Santa Ceia. E manteve que a justificação é resultado da fé e das boas obras dos fiéis. Para ser recitada pelos fiéis à Igreja Católica foi publicada a Confissão de Fé Tridentina.

(Ver documentos em Bettenson, Doc. Da Igreja Cristã, ASTE, pp. 294-303)